

1918 – ALGO DE NOVO NA FRENTE OCIDENTAL

Perspectivas gerais

Ao iniciar-se o quinto ano de guerra, a ideia da ruptura das linhas inimigas e do regresso à guerra de movimento continuava a ser, na Frente Ocidental, o objectivo principal de ambos os contendores. No campo Aliado, as experiências levadas a cabo com os carros de combate – primeiro em Setembro de 1916, na batalha do Somme, e, posteriormente, na batalha de Cambrai, já em 1917 – haviam confirmado as suas enormes potencialidades no capítulo do poder de choque, da protecção e do fogo. A necessidade de alguns aperfeiçoamentos no tocante à parte mecânica não anulava as suas já comprovadas capacidades de rompimento das defesas inimigas. No imediato, porém, as tropas britânicas necessitavam de uma pausa e era patente o desgaste que a infantaria sofrera com as sucessivas batalhas em que estivera envolvida. Basta referir que o efectivo de infantaria declinaria de 754.000 homens em Julho de 1917 para 543.000 em Julho de 1918. Disso dera conta o chefe do Estado-Maior Imperial, sir William Robertson, em 19 de Dezembro de 1917, quando fez questão de informar o Gabinete de Guerra de que, de momento, o Exército Britânico não tinha planos ofensivos em mente e deveria agir na defensiva por algum tempo.

Os Alemães, tendo-se atrasado surpreendentemente no desenvolvimento de viaturas de combate blindadas, procuraram compensar essa desvantagem aperfeiçoando a própria doutrina das operações ofensivas. Assim, a ruptura das linhas inimigas deveria obter-se através do refinamento do apoio da artilharia (incluindo novas munições de gás) e da utilização de um escalão de ataque muito aligeirado, capaz de se infiltrar rapidamente por entre os centros de resistência inimigos. O objectivo desta doutrina – que haveria de inspirar a *guerra relâmpago* da 2.ª Guerra Mundial – era alcançar rapidamente a retaguarda do adversário. Os escalões de seguimento e apoio, movendo-se mais lentamente, encarregar-se-iam de destruir os núcleos de resistência ultrapassados, praticamente sem combate, pelas unidades infiltradas. O poder de fogo do escalão de ataque era significativamente melhorado pela adopção das novas metralhadoras 08/15, transportadas e guarnecidas por uma equipa de dois homens. Resultavam do aligeiramento das versões destinadas a posições fixas.



Metralhadora ligeira 08/15

Ao nível das decisões estratégicas, o ano de 1918 perspectivava-se com algumas marcantes novidades: do lado dos Aliados, avultava a crescente presença das unidades da Força Expedicionária Americana (FEA), que, em Janeiro de 1918, já tinha em França 175 mil soldados; do lado alemão, após a capitulação da Rússia e a assinatura do tratado de Brest-Litovsk, de 3 de

Março de 1918, todas as esperanças se iriam centrar no reforço representado pelas cerca de 50 divisões que eram retiradas da Frente Oriental. Adicionalmente, a retumbante vitória a Este provocara um grande sentimento de união no seio do povo alemão, fazendo subir o apoio às operações militares para níveis semelhantes aos do Verão de 1914.

Quase o posto se poderia dizer quanto ao sentimento predominante na sociedade portuguesa. No último mês de 1917, um golpe de Estado derrubara o regime democrático instaurado pela Constituição de 1911 e colocara no poder Sidónio Pais, ex-ministro de Portugal em Berlim e sem nenhuma afinidade com os políticos que haviam defendido a conveniência da intervenção portuguesa na guerra. Sem surpresa, o apoio às tropas do Corpo Expedicionário Português (CEP) destacadas em França foi decrescendo, inviabilizando a recomposição dos efectivos e a substituição de unidades. Logo em Janeiro de 1918, mediante uma convenção entre os governos português e britânico, decidira-se que o CEP deixaria de actuar como corpo de exército e que a 1.ª Divisão devia retirar para descanso. A 2.ª Divisão continuaria na frente, na dependência do XI Corpo britânico, passando a defender toda a frente que antes constituía o sector das duas divisões portuguesas. Ao mesmo tempo, o general Gomes da Costa, que até aí comandava a 1.ª Divisão, assumia o comando da 2.ª. Estas alterações foram postas em execução por uma ordem de movimento datada de 3 de Abril – apenas seis dias antes da ofensiva alemã – e eram criticamente afectadas pelo baixo potencial de combate resultante de significativas faltas de pessoal¹. Em 7 de Abril, o comandante do XI Corpo, general Haking, visitou o Quartel-General da 2.ª Divisão e, em conversa com o general Gomes da Costa, deu-lhe a entender que, embora conhecendo as faltas existentes na divisão portuguesa, ela teria de permanecer mais algum tempo na linha da frente. No entanto, logo no dia seguinte, 8 de Abril, chegava a ordem de rendição n.º 328, do XI Corpo, a qual determinava a substituição da 2.ª Divisão portuguesa, ao mesmo tempo que anunciava que a 50.ª Divisão britânica transitava do XV Corpo para o XI. Depois, delineava a forma como deveria decorrer a rendição: a 55.ª Divisão britânica rendia a brigada da direita da divisão portuguesa na noite de 9 para 10 de Abril; a 50.ª Divisão britânica faria render o centro, a esquerda e a reserva da divisão portuguesa, nas noites de 9 para 10 e 10 para 11 de Abril; o comando do sector passaria para o comandante da 50.ª Divisão às 10 horas de 10 de Abril; a 2.ª Divisão portuguesa deslocar-se-ia, então, para a zona de reservas do XI Corpo, onde ficaria a fazer repouso e treino. Era com esta fragilidade, decorrente de uma rendição, que se encontravam as tropas da 2.ª Divisão na noite de 8 para 9 de Abril de 1918.

Operações *Michael* e *Georgette* – Batalha de La Lys

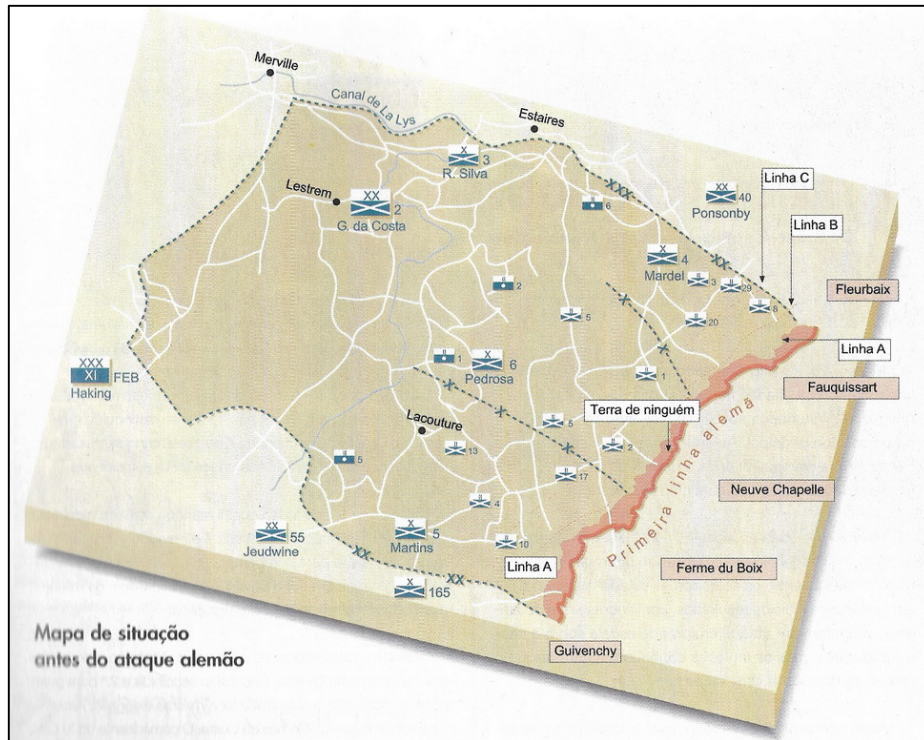
Voltando à Frente Ocidental, poderia dizer-se que a resultante da renovação de efectivos decorrente da capitulação russa era favorável aos Alemães, dadas a maior experiência de combate e de vitórias das unidades vindas de Este e a sua imediata disponibilidade. Era essa, também, a convicção de Hindenburg e do seu braço-direito Erich Ludendorff. Desde Novembro de 1917 que apostara numa ofensiva de “tudo ou nada”, a desencadear na Primavera de 1918, quando a maior parte das unidades da FEA ainda não teriam entrado em sector. Todavia, no que respeitava ao material de guerra, a vantagem estava decididamente do lado dos Aliados:

	Aviões	Artilharia	Carros de Combate
Aliados	4.500	18.500	800
Alemanha	3.670	14.000	10

À medida que iam chegando à Frente Ocidental as divisões vindas de Este, era possível a preparação de uma grande manobra contra as defesas dos Aliados. A ofensiva de Primavera concretizou-se com o desencadeamento de três grandes operações. A primeira, entre 21 de Março e

¹ Na 2.ª Divisão faltavam 400 oficiais e 7.000 sargentos e praças.

5 de Abril, recebeu o nome de código de *Operação Michael*² e teve lugar na região de St. Quentin, abrangendo grande parte do vale do Somme. A segunda, com o nome de código de *Operação Georgette*, iniciou-se em 9 de Abril e prolongou-se até 29 do mesmo mês. Esta ofensiva foi desencadeada no sector do XI Corpo de Exército da Força Expedicionária Britânica (FEB), onde estava integrada a 2.^a Divisão do CEP, sob o comando do general Gomes da Costa, juntamente com as 40.^a e 55.^a Divisões britânicas. A estas forças opunha-se o 6.º Exército alemão, composto por oito divisões em primeira linha, outras quatro em apoio e mais sete em reserva, sob o comando do general Von Quast. Ao todo, eram 56.000 homens.



Na madrugada de 9 de Abril de 1918, a operação *Georgette* – nome de código atribuído à nova investida germânica – iniciou-se, a coberto de um espesso nevoeiro e com a protecção de uma intensa preparação de artilharia que incluiu a utilização de gases. Não tardou a perceber-se que a forma e a intensidade da preparação anunciava o lançamento de uma grande ofensiva. A infantaria alemã, protegida por fogos de supressão rolantes, ia submergindo, progressivamente, as posições portuguesas e britânicas. Além disso, a artilharia alemã batia simultaneamente os Postos de Comando das brigadas em primeiro escalão, de modo a danificar as comunicações telefónicas e assim inviabilizar as acções de comando e coordenação sobre as tropas ao contacto. Às 15.40, já com perdas muito elevadas, a 2.^a Divisão recebe ordens para retirar – primeiro para St. Venant e, depois, para Lambres.

QUADRO - BAIXAS NA BATALHA DE LA LYS			
	MORTOS	PRISIONEIRO	TOTAL
OFICIAIS	29	270	299
PRAÇAS	369	6 315	6 684
SOMA	398	6 585	6 983
FONTES:- Henriques; Leitão, 2001: 79; Afonso; Gomes, 2013: 418			

Nota: naquela época, os sargentos pertenciam à classe de praças

² V. na Secção “MILITAR” deste blog o artigo *Operação Michael – da embriaguez do sucesso ao embriagamento com álcool*.

Nas suas Memórias de Guerra, o então primeiro-ministro britânico David Lloyd George descreveu do seguinte modo o empenhamento da 2.^a Divisão portuguesa durante a ofensiva de 9 de Abril:



Mas esta não era a única razão da sua debandada. Uma incompreensível e imprevidente decisão da parte do nosso Comando do Exército foi directamente responsável pelo que aconteceu. O general Horne, comandante do Segundo Exército, tendo sido avisado de que o próximo ataque geral ocorreria naquele sector, decidiu retirar o Corpo português da linha da frente e substituí-lo por duas divisões britânicas. Insensatamente, só retirou uma divisão

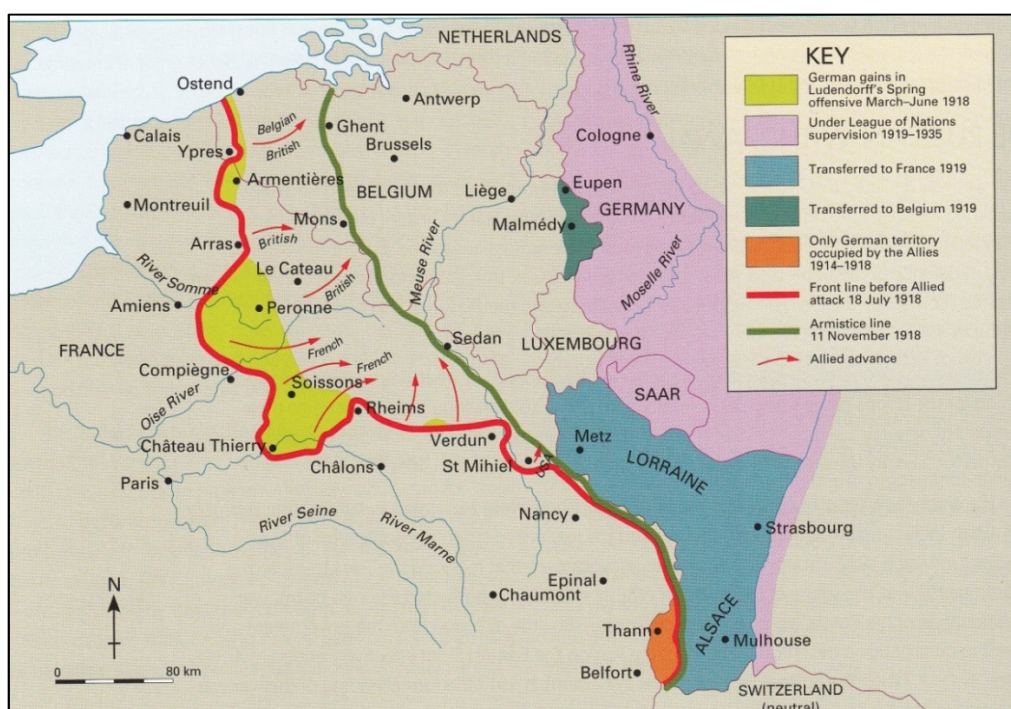
portuguesa (a segunda) sem a substituir por uma divisão britânica, deixando, deste modo, uma posição avançada, que tinha anteriormente sido defendida por um corpo de duas divisões, a ser defendida unicamente por uma das duas divisões portuguesas, com uma brigada da outra divisão em reserva. Estava prevista a retirada dessas unidades no dia 9, quando chegariam as duas divisões britânicas para ocuparem o seu lugar.

Os Portugueses foram apanhados completamente de surpresa quando se preparavam para deixar a frente. Foram sujeitos a um forte bombardeamento e a um ataque maciço de tropas alemãs que, numericamente, largamente as superavam. Entraram em colapso e não há dúvida de que se seguiu uma precipitada fuga para a retaguarda.

Mas é bastante duro – para uma nação pequena, possuidora de um longo e honroso registo de valor e intrepidez, no mar e em terra, que, ao longo de séculos, lhe permitiu manter a independência das suas montanhas contra um vizinho militarmente poderoso e tornar-se o pioneiro das explorações do mundo ocidental, em mares e terras desconhecidas – que tenha de carregar a nódoa da censura por uma derrota que foi inteiramente atribuível à crassa estupidez de um general de outra raça.⁴

A 11 de Abril, o recuo desordenado das tropas da FEB foi em termos tais que levou o general Haig a emitir uma mensagem para os 1.º e 2.º Exércitos, que a história registou em todo o seu dramatismo:

Com as costas contra a parede e acreditando na justiça da nossa causa, cada um de nós deve combater até ao fim (...) Cada posição deve ser defendida até ao último homem. Não poderá haver retirada.⁵



As áreas a amarelo representam os ganhos das tropas alemãs em toda a ofensiva de Março a Junho de 1918

Também da parte de Winston Churchill, a apreciação da situação transmite a ideia do receio de um desastre de grandes dimensões:

Tanto do ponto de vista britânico como da situação global, 12 de Abril é, possivelmente, a seguir à batalha do Marne [de 1914], o clímax da guerra. Parecia que os Alemães haviam decidido apostar todas as suas esperanças e a sua recuperada superioridade na aniquilação do

⁴ GEORGE, David L., *WAR MEMOIRS – 1918*, pp. 28-29.

⁵ KEEGAN, John, *The First World War*, p. 405.

Exército Britânico. Durante vinte dias, tinham lançado quase noventa divisões, em três grandes batalhas, contra um exército que contava com não mais de cinquenta e oito, das quais cerca de metade ocupavam frentes não submetidas à dita ofensiva. Com uma superioridade de meios nos sectores do ataque de três e por vezes de quatro para um, com as suas tropas de choque brilhantemente treinadas, com a sua extraordinária capacidade de movimentar as metralhadoras e os morteiros, com o seu novo sistema de infiltração, com o seu corrosivo gás de mostarda, com a sua fantástica artilharia e grande ciência da guerra, era bem possível que tivessem êxito. Aos olhos do quartel-general britânico, os Franceses pareciam mergulhados em estupor e passividade.⁶

Apesar de toda a boa vontade das tropas aliadas, houve troços da frente em que a retirada foi inevitável, até porque Foch entendeu – e parece que bem – que a situação não merecia, apesar de tudo, a prioridade do empenho das reservas disponíveis. Os avanços alemães prosseguiram nas duas semanas seguintes, conquistando algumas posições importantes, embora em dimensão e profundidade claramente insuficientes para materializar o sucesso que ambicionavam – atingir o canal da Mancha pela retaguarda do dispositivo britânico, antecipando a bem-sucedida manobra de 1940. Assim, em 29 de Abril, Ludendorff teve de reconhecer que a operação *Georgette* chegara ao fim. No balanço de mais uma batalha, registavam-se, entre mortos e feridos, 76.000 baixas britânicas, 35.000 francesas, mais de 7.000 portuguesas⁷ e 109.000 alemãs. O esforço alemão fora enorme e custara um preço elevadíssimo, de que já não conseguiriam recuperar até ao fim da guerra.



Militares da 55.ª Divisão britânica cegos pelo gás de mostarda

Operação Blücher-Yorck

A terceira grande ofensiva – *Operação Blücher-Yorck* – foi desencadeada, em 27 de Maio de 1918, no sector do Aisne, imediatamente a Sul do saliente conquistado aquando da operação *Michael*. Não se tratava de abandonar a ideia da ofensiva na Flandres, mas sim de criar uma diversão que obrigasse os Aliados a movimentar as suas reservas. Foi, portanto, planeado um novo ataque, desta vez contra posições defendidas por 16 divisões – 13 pertencentes aos 5.º e 6.º Exércitos franceses e 3 à FEB. Estas últimas, muito sacrificadas nas batalhas de Março e Abril, tinham sido transferidas para a crista do Chemin des Dames... para repousar! Os Alemães, além de um total de 15 divisões no escalão de ataque (6.º Exército) e mais 25 em seguimento e apoio (1.º, 7.º e 18.º Exércitos), reuniram para a operação 6.000 bocas-de-fogo de artilharia, dispondo de dois milhões de granadas.

⁶ CHURCHILL, Winston, *The world crises, 1911-1918*, p. 782.

⁷ Incluindo 6.585 prisioneiros.

O ataque iniciou-se na madrugada de 27 de Maio, logo que terminou a preparação da artilharia. As tropas alemãs galgaram a encosta que conduzia ao Chemin des Dames, levaram de vencida as débeis defesas das divisões britânicas e, a breve trecho, descendo a contra-encosta, encontraram-se no terreno plano que conduz à margem direita do rio Aisne. Aqui, de acordo com o plano inicial, as tropas alemãs deveriam deter-se, no pressuposto de que haviam já atingido o objectivo limitado, próprio de um ataque de diversão. Ludendorff, no entanto, entusiasmou-se com a pouca resistência oferecida pelos Aliados e entendeu que era de explorar a situação. Deste modo, nos cinco dias seguintes, as tropas alemãs prosseguiram o avanço na direcção de Soissons e Chateau-Thierry. A 30 de Maio alcançaram o Marne, ficando os elementos mais avançados a somente 80 km de Paris. A bolsa da penetração germânica tinha, então, 30 km de profundidade por 50 km de largura. O receio de uma ruptura séria do dispositivo aliado começou a sacudir o ânimo dos combatentes.

Retirar? Mas nós ainda agora chegámos!

Perante a situação criada, Foch viu-se constringido a empenhar as suas reservas, em sucessivas vagas, entre 28 de Maio e 3 de Junho. Nessas reservas estavam já incluídas as 2.^a e 3.^a Divisões americanas. Na 2.^a Divisão estava integrada uma brigada do Corpo de Fuzileiros (*Marine Corps*), na época a melhor unidade de combate das Forças Armadas dos EUA. A 4 de Junho, a brigada de fuzileiros bateu-se com invulgar valentia em Belleau, próximo de Chateau-Thierry, negando aos alemães a conquista da estrada para Reims. No início da batalha, um oficial de uma unidade francesa em retirada sugeriu ao comandante da 51.^a companhia de fuzileiros do 2.^o batalhão do 5.^o regimento que seria melhor fazerem o mesmo. A resposta do comandante da companhia, capitão Lloyd W. Williams, entraria, para todo o sempre, na mitologia do *Marine Corps*: «Retirar? Mas nós ainda agora chegámos!» Williams morreria, em combate, nove dias mais tarde, cego por gases alemães e ferido por estilhaços da artilharia inimiga.



Capitão Lloyd W. Williams

A 9 de Junho, o OHL⁸ determinou um novo ataque a partir da bolsa criada na ofensiva de Março, procurando atrair as reservas aliadas para Sul, sempre na esperança de, posteriormente, voltar a investir contra a Flandres. Apesar do sucesso inicial desta operação, os contra-ataques de unidades americanas e francesas, desencadeados a 14 de Junho, foram suficientes para sustentar o avanço das tropas alemãs. A menos de cinco meses do final da guerra, e, com o crescente reforço de unidades americanas, estava para breve a retoma da iniciativa por parte dos Aliados.

David Martelo – Março de 2018

⁸ Oberste Heeresleitung – Alto Comando do Exército.